

CIDADANIA GLOBAL: UMA CONSTRUÇÃO CULTURAL E LINGUÍSTICA

Milena Peixoto de Jesus*

Resumo: O presente artigo intitulado Cidadania Global: uma construção cultural e linguística tem como objetivo discutir a construção da cidadania global, apontando as manifestações culturais e linguísticas como fatores fundamentais que colaboram para o desenvolvimento do senso de pertencimento à comunidade mundial. Para tal, apresenta-se sinteticamente ao leitor o conceito do objeto de estudo e sua origem, focando mais na sua concepção de prática do que em seu caráter jurídico e formal, concluindo que o seu valor vital é basicamente resultado do exercício e do estímulo. São então feitas breves reflexões a respeito das condições de cidadania global e como o cidadão é condicionado a ela. Ao abordar a cultura neste processo de construção, ela é colocada como fator comum pelo qual o cidadão produz e dá continuidade à manifestação cultural, em que também a globalização é inserida como fator que viabiliza a integração dessas relações sociais. A abordagem da linguagem como fator propulsor das conexões no mundo é direcionada para as questões do multilinguismo no Brasil, dividindo o termo em dois: “multilinguismo herança” e “multilinguismo incorporado”. Por ser um processo evolutivo, a educação é levantada nesta discussão, sendo direcionada para o ensino não formal como alternativa, partilhando a responsabilidade entre Estado e indivíduo.

Palavras-chave: Cidadania global. Cultura. Multilinguismo.

Résumé: Le présent article intitulé Citoyenneté Globale : une construction culturelle et linguistique, ayant comme objectif discuter la construction de la citoyenneté globale en indiquant les manifestations culturelles et linguistiques comme des facteurs fondamentaux qui contribuent au développement du sens d'appartenance à la communauté mondiale. Pour ce fait, on familiarise le lecteur au concept de l'objectif de l'étude et sur son origine, en visant plus son concept pratique que son caractère juridique et formel étant donné que sa valeur vitale est principalement un résultat de l'exercice et de le stimule. Des réflexions sont faites en ce qui concerne les conditions de la citoyenneté globale et comment le citoyen lui est conditionné. En abordant la culture dans ce processus de construction, elle est placée comme un facteur commun dans lequel le citoyen produit et donne continuité aux manifestations culturelles où aussi la mondialisation est mise en place comme facteur que viabilise l'intégration de ces relations sociales. L'abordage du langage comme un facteur propulsif des connections dans le monde est ciblée sur les questions du multilinguisme au Brésil, en partageant le terme en deux : « multilinguisme héritage » et « multilinguisme incorporé ». Étant donné qu'il s'agit d'un processus évolutif l'éducation est soulevée dans cette discussion, ciblée pour l'enseignement non formel comme alternative, en partageant la responsabilité entre État et individu.

Mots Clés: Citoyenneté Global ; Culture ; Multilinguisme.

1 Introdução

A relação “indivíduo e mundo” tem sido objeto de vários debates e reflexões dentro de diversas esferas: sociais, civis, econômicas, políticas, culturais e dentre outros temas que discutem o papel e a importância do cidadão inserindo-o no panorama global. A necessidade e a urgência apresentadas por essas questões atribuem à cidadania global enfoque imperativo devido à atual realidade da sociedade mundial, sobretudo, para construção do próprio indivíduo que busca compreender sua posição em relação ao mundo. Visto que esta é uma

* Discente do 6º semestre do curso Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais da Universidade Estadual de Santa Cruz.

JESUS, M. P. de. Cidadania global: uma construção cultural e linguística. C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA, n. 5, p. 43-52, Ilhéus – BA, nov. 2016.

questão cotidiana na era da globalização, esta percepção então necessita ser fruto de reflexão individual do cidadão adicionada a estímulos oferecidos dentro de seu ambiente nacional.

Observada a importância do cotidiano no desenvolvimento dessas afirmações, os aspectos culturais e linguísticos se tornam fundamentais para o desenvolvimento e a adesão da posição de cidadão global, dado que estes dois aspectos, cultural e linguístico, constituem a identidade do cidadão e de seu coletivo, construindo a grande diversidade mundial. Neste ponto, a cidadania global é enveredada de diversas formas por autores do tema, sendo a identidade nacional considerada e elevada em função desta construção ou, por vezes, desconsiderada por outros, para que seja defendida a elevação do internacional sobre o nacional, destituindo os valores anteriores ao global, criando assim uma forçosa “equidade identitária” que também deseja enfraquecer a barreira da nacionalidade constituída pelo domínio dos Estados-Nação.

Este artigo tem como objetivo discutir a construção da cidadania global através do aspecto cultural e linguístico, para isso ele será dividido em quatro tópicos: conceituando a cidadania global; a cultura e a globalização no processo de construção da cidadania global; aspectos do multilinguismo no Brasil e seu papel na construção da cidadania global e a educação para a cidadania global. A justificativa para tal estudo é a necessidade da compreensão do que seja cidadania global, pois configura-se apropriado e indispensável a familiarização do cidadão com o que caracteriza um comportamento global.

Ter a consciência desperta para o papel de cidadão em sociedade, através de uma formação qualificada, é um requisito primário nas nações, no entanto, usar esta qualificação como base para a construção da cidadania global também através de alicerces de valorização cultural como a fortificação da identidade é uma visão que ainda que comum não está bem clara ou disseminada. Ainda mais quando se considera o multilinguismo inerente a um ambiente diferente da questão do estímulo à competência de línguas estrangeiras, que se constitui algo importante para expansão das relações globais e do potencial competitivo nacional. Entra, então, como em todo processo de construção, a questão da educação com função indispensável para o estabelecimento e o desenvolvimento de tais capacidades, dando espaço à incorporação do papel social inicialmente no nível nacional, proporcionando sustentação autêntica à prática da cidadania a nível global.

2 Conceituando a Cidadania Global

A prioridade da cidadania global é propor em condição de igualdade os direitos de cada indivíduo no mundo, reservando a qualquer um o espaço tangível global como espaço comum onde por meio da consonância social sejam possíveis a integração e o cooperativismo. Essencialmente estendida da cidadania nacional, a cidadania global reflete o mesmo efeito de pertença ativa ou passiva, como pontuou Janoski (1998). Entretanto, em um cenário universal, o sentimento de pertencimento se apresenta numa complexidade claramente maior que no cenário nacional, devido à falta de uma identidade consistente que não é amplamente ou fortemente adotada pela sociedade em geral, uma identidade justa que represente verdadeiramente uma conduta de equidade a nível global.

Este ideal de equidade surgiu primeiro na Grécia, com a crise na democracia das cidades, e o fortalecimento deste ideal pôde ser visto através da revolução Francesa, na qual foram proclamados os ideais de liberdade, fraternidade e igualdade; ideais equivalentes ao do cosmopolitismo (Ricuperati, 1998, p. 299) e que permanecem sendo sustentação para a cidadania global. Mais recentemente, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada e proclamada pela assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro 1948, salvaguardou esta equidade, amparando os direitos de paz e igualdade entre todos os seres humanos, reconhecendo-os como cidadãos iguais em qualquer parte do mundo.

Ainda que a compreensão de cidadania global esteja tomando dimensões de fato globais, sua evolução tem sido consensual (FREITAS e SALEMA, 2012), e apesar de parecer de conhecimento comum, deve ser ressaltado que o cidadão não deixa de ser cidadão nacional para ser global, nem a ordem sequencial de sua experiência como ator social ativo deveria causar alguma alteração nestes resultados, ou seja, descobrir-se ou atuar como cidadão global antes mesmo de causar algum impacto a nível nacional e/ou local não deve ser uma experiência que estabeleça limitações, como sugeriu Ednir (2015, on-line) “O indivíduo não é uma ilha, mas um ser de relações”¹ que precisa ter acesso às redes globais e ter conhecimento

¹ Citação original: The individual is not an island but a *being of relationships*.

JESUS, M. P. de. Cidadania global: uma construção cultural e linguística. C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA, n. 5, p. 43-52, Ilhéus – BA, nov. 2016.

do cotidiano mundial, ainda que em nível local ele não seja estimulado a ser e a dar mais de si, não anulando uma possibilidade pela má construção de outra.

Ednir (2015) também levanta o fato de que a cidadania global não tem prosperado igualmente em todos os lugares. A cidadania global pode não se desenvolver, dependendo da realidade na qual ela é exercida, isto quer dizer, o caráter de sua promoção e prática dentro de um ambiente. No cotidiano, o cidadão não se vê como ator global e ao deparar-se com tal demanda naturalmente passa a esperar por ações secundárias, como o empenho governamental. Uma comodidade social não diretamente culposa, mas que se mostra um grande desafio para o aprimoramento do exercício da cidadania em função de um coletivo maior. Observando ainda que este coletivo não deveria seguir sendo unicamente avaliado dentro de detrimientos tão formais como observou Vieira (2001), para além de enquadramentos protocolais, pois, a cidadania existente é aquela que está sendo exercida e que está livremente sendo incorporada ou não no cotidiano e que comumente se fixa para além da formalidade.

3 A cultura e a globalização no processo de construção da cidadania global

A palavra cultura em sua definição mais comum, universal e prática, é: além de um conjunto de manifestações tangíveis e intangíveis, também um indicador valioso, nos dizendo onde estamos, quem fomos e quem somos, ou seja, um mecanismo de expressão que pode atribuir o sentido de identidade. Observado que somos nós quem a mantemos viva, podemos ser considerados a própria cultura e por representarmos então este papel de continuidade e construção, lidamos com a cultura de maneira evolutiva à medida que nos mobilizamos, nos integramos e nos transformamos. Em um entendimento mais profundo acerca da cultura, Terry Eagleton nos compara à natureza:

Assemelhamo-nos à natureza na medida em que nós, tal como ela, devemos ser modelados, mas distinguimo-nos dela na medida em que podemos fazê-lo a nós próprios, introduzindo desta forma no mundo um grau de auto-reflexibilidade ao qual o resto da natureza não pode aspirar. Enquanto autocultivadores, somos barro nas nossas próprias mãos, simultaneamente redentor e não regenerado, padre e pecador num mesmo corpo. (EAGLETON, 2000, p.17.)

JESUS, M. P. de. Cidadania global: uma construção cultural e linguística. C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA, n. 5, p. 43-52, Ilhéus – BA, nov. 2016.

A globalização por sua vez é o processo de conexão que viabiliza este processo expansivo e integrativo a nível universal em diversas esferas, como a econômica, a política e a cultural. Processo este ao qual estamos intensamente expostos devido aos incessantes e positivos aprimoramentos nas comunicações que convencem a sociedade dos benefícios da globalização e dos resultados que esta apresenta para a questão da integração e do desenvolvimento dos indivíduos, benefícios estes que sustentam a “globalização como fábula” assim como nos fazem crer. (SANTOS, 2000).

Esta conexão integral e o encurtamento das distâncias tem despertado a perspectiva de se estar fazendo parte de fato de uma sociedade cada vez mais global, por isso a globalização no processo de cidadania global pode ser considerada como um procedimento de distensão que conecta e alia os indivíduos. Este espaço criado pela informatização que se estabeleceu devido à necessidade social de interagir, abriga o que podemos chamar de palco para a cidadania global, onde organizações e cidadãos dispõem de meios para exercer e difundir valores. No entanto, Santos também ressalta a realidade do âmbito local suplantada pela glória da aldeia global, em que o local passa a possuir diferenças mais acentuadas e “numa busca por uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal”. Diante das demandas de novas realidades, o indivíduo enfrenta o desafio de imaginar-se e colocar-se como cidadão global, em tempos em que somos movidos a exercer um papel relevante na sociedade, cooperando para as resoluções de adversidades globais, contribuindo para a harmonia universal e preservando com dignidade os direitos comuns dentro de uma condescendente relação com seus concidadãos (SILVA, 2011).

Muito desta perspectiva e deste comportamento adquirido e desempenhado pelo cidadão global é fruto de uma série de investimentos culturais que permitem a interação efetiva entre indivíduos. O compartilhamento cultural se confirma como um nível de intercâmbio ideal e indispensável para que se firmem a sensação de integração e aceitação em relação ao outro e sua cultura, assim como também se firmam os conceitos de si próprio e de sua própria cultura, transformando as concepções de identidade, pois o coletivo, a sociedade, “não é um todo unificado e bem delimitado em uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma [...]”, “ela está constantemente sendo “descentrada” ou deslocada por forças fora de si mesma” (Hall. 2010, p.4), sendo então a

JESUS, M. P. de. Cidadania global: uma construção cultural e linguística. C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA, n. 5, p. 43-52, Ilhéus – BA, nov. 2016.

cidadania global construída em bases culturais compartilhadas, ou seja, tendo como plano de fundo a realidade. Referindo-se ao multiculturalismo como um fato, estará desta maneira afastando qualquer intenção de homogeneidade que possa ferir a conjuntura cultural da sociedade humana.

4 Aspectos do multilinguismo no Brasil e seu papel para a construção da cidadania global

O multilinguismo para a cidadania global tem tom de contemporaneidade, por isso pode se tornar uma ideia com demasiado sentido internacional, quando antes, na verdade, deve-se considerar que a realidade multilíngue não é apenas um fato eletivo induzido pelas necessidades de expansão e interação das sociedades, ela é uma raiz da história humana, na qual a comunicação se deu de maneira múltipla e imensurável dentro das civilizações que existiram e ainda existem. O Brasil, por exemplo, possuía uma vasta variedade de línguas, e ainda possui uma quantidade expressiva, no entanto, esta realidade é profundamente suplantada pela crença da língua portuguesa como língua única e relevante para a sociedade nacional e pelo imaginário de língua naturalmente absorvida durante e após o período de colonização.

O então processo de imposição da língua portuguesa, comumente percebido como transmissão e herança espontânea do colonizador para a colônia, reduziu incoerentemente o número de línguas nativas do território brasileiro. Segundo estimativas, existiam 1.078 línguas indígenas há 500 anos e hoje elas são apenas 200 (Preuss; Alvares, 2014, p. 4). Considerando que menos de 20% das línguas nativas brasileiras conseguiram sobreviver devido a processos de expansão territorial estrangeira como este, surge a indagação a respeito do caminho que a autovalorização, o autoconhecimento e o reconhecimento desta identidade está seguindo entre os brasileiros em meio à massificação das línguas estrangeiras impostas pelas relações globais com potenciais econômicos.

Em todos os níveis, regionais, nacionais e internacionais, a prevalência das línguas minoritárias ou massivas está intrinsecamente ligada aos avanços e interesses políticos e econômicos, uma vez em função das expansões territoriais servindo de “[...] instrumento para

JESUS, M. P. de. Cidadania global: uma construção cultural e linguística. C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA, n. 5, p. 43-52, Ilhéus – BA, nov. 2016.

a difusão da “doutrina” e dos “costumes”.” O que torna então [...] “a linguagem um instrumento para perpetuar a presença portuguesa, também quando a dominação acabe” no caso do Brasil, como colocou Gnerre (1985), e hoje sobretudo refletindo a valorização das economias, como o caso da dominação da língua inglesa, imposta pelas tendências diplomáticas, corporativas e também pela indústria de entretenimento.

Para que seja possível melhor explicar sobre o papel do multilinguismo na construção da cidadania global partindo de uma perspectiva global e relativamente mais acessível, como, por exemplo, a questão da interação entre Brasil e os países da América do Sul, poderemos ponderar, a nível continental, a questão da sensação de pertencimento e de identidade de um continente enfraquecido pela diferença linguística. Neste caso, a língua portuguesa poderia ser considerada uma das línguas minoritárias da América do Sul? Sim, ainda que de maneira a ilustrar a influência que a língua pode contribuir para o distanciamento.

A questão da identidade latina se torna um dilema, no qual países como a Guiana, Guiana Francesa e Suriname acabam por passar despercebidos no quesito “latinidade”, devido a seus respectivos idiomas e a suas governanças. Para o Brasil, a diferença linguística e a pouca identificação mútua entre os demais países da América do Sul fazem com que não seja incomum ouvir brasileiros chamando um grupo de estrangeiros de qualquer outro país do continente de “latinos”, excluindo-se ou esquecendo de sua própria identidade latino-americana. Iniciativas como a criação do bloco econômico Mercado Comum do Sul (Mercosul) teve também como objetivo o fortalecimento da identidade e da integração entre os países sul-americanos, mas as relações sociais, que interessam para a construção da cidadania global, não são contempladas adequadamente sem medidas mais diretas e pragmáticas.

5 Educação para a Cidadania Global

Por consequência da sensação transmitida pelo termo “global”, por vezes, a cidadania global pode remeter à ideia de um “cidadão cosmopolita”, que dispõe de fácil acesso a diversas culturas e que teve a chance de se relacionar e interagir com estrangeiros e suas respectivas culturas, sendo mais que um turista eventual, tornando-se um viajante progressivo. Este senso comum típico do imaginário brasileiro torna a cidadania global um status que

JESUS, M. P. de. Cidadania global: uma construção cultural e linguística. C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA, n. 5, p. 43-52, Ilhéus – BA, nov. 2016.

muitas vezes se resume à realidade das classes mais ricas e branca, que possuem renda para tais lazeres e a oportunidade de desenvolver a competência linguística necessária para tal (Madzer, 2014). Mas ainda que vagarosamente, muito desta concepção tem se transformado; através de iniciativas de organizações não-governamentais que objetivam a promoção da cidadania global nas comunidades brasileiras onde os cidadãos podem provar a amplitude de sua cidadania sendo inseridos em projetos que visam ao exercício da cidadania global e da democracia através da educação.

As ONGs têm desempenhado um papel inovador e importante para a construção da cidadania global. O fato dessas práticas organizacionais estarem se expandindo, mostra que a educação fora da escola é uma alternativa à educação convencional, ou complemento dela, que ganha força no Brasil e no mundo. A educação não formal tem papel indispensável nesta construção. Sanar por meio dela culturas e comportamentos destrutivos como o da comodidade social torna-se um processo com sentido menos obrigatório e mais natural quando aplicado de maneiras diferentes e fora do ambiente escolar.

Também como reflexo das explorações derivadas das colonizações, a passividade em muitos países colonizados mostra resquícios através do ato de posicionar-se como simples cidadão-filho de nação subdesenvolvida, uma realidade entre muitos brasileiros. O não saber-se cidadão do mundo cria a expectativa no outro, principalmente naqueles que vivem em países desenvolvidos, que dispõem de moeda mais valorizada, de melhor qualidade de vida, de maiores recursos para mobilidade e conseqüentemente parecem estar mais envolvidos com o mundo e portanto protagonistas no cenário internacional. Vê-se então que a educação para a cidadania global no Brasil deve abranger diferentes ferramentas de estímulo para garantir não só o acesso do brasileiro à comunidade global através de ações de mobilidade, da tão importante internacionalização das universidades, promovendo a prospecção e a transferência de conhecimento, do incentivo à participação cidadã, do investimento na cultura e no multilinguismo incorporado, mas também cuidar para que a consciência do cidadão nacional se transforme e assim sejam acordados seu potencial e sua confiança individual.

E, assim, a educação global traz novos desafios aos professores, “na formação e na sua ação pedagógica, quer ainda na heterogeneidade do meio escolar e, por fim, uma abordagem ao ambiente educativo necessário para responder à nova realidade social.” (FREITAS; SALEMA, 2012, p. 114). Este desafio é global, em cada país ele poderá ser contingente e

JESUS, M. P. de. Cidadania global: uma construção cultural e linguística. C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA, n. 5, p. 43-52, Ilhéus – BA, nov. 2016.

diferente, como, por exemplo, o desafio da educação na União Europeia, que deverá ser aplicado devido ao atual turbilhão migratório. No Brasil, as questões existenciais e as dificuldades nacionais não remediadas, que torna para muitos a prerrogativa de pensar global muito precipitada para o cenário brasileiro são questões que merecem ser mais estudadas a fim de que seja possível atender à sua complexidade.

6 Considerações Finais

A cidadania global não é um enfoque novo, muito pelo contrário, ela é uma necessidade da comunicade global percebida através das contradições e das ignorâncias de um mundo fechado, que, quando se abre, transforma os cidadãos dentro dele. Estamos sempre escutando “o mundo está cada vez mais interconectado”; uma fala cotidiana, reflexo de uma surpresa também cotidiana, diante de tantos avanços da tecnologia que fazem da globalização uma crescente sem precedentes. Vivemos, de fato, uma evolução pertinente para o que acreditamos ser nossas necessidades, o que também não significa ser uma evolução completamente saudável.

E a cidadania global acaba sendo apenas uma categoria que nos mostra o caminho e o comportamento a seguir, mas a escolha de incorporá-la é vulnerável à falta de empatia e à privação de conhecimento. A função da cultura aliada à linguagem pode então criar de maneira acessível e natural uma infraestrutura base para prossecução de uma integração harmoniosa e democrática. Com o “multilinguismo incorporado”, as demandas de competitividade da globalização permanecem sendo atingidas, proporcionado a interação com base em alicerces firmes e assegurando a transmissão de valores autênticos, pois só se conhece um povo de verdade quando se sabe falar sua língua.

O valor do “multilinguismo herança”, seja ele nativo ou fruto de migrações, no processo de construção da cidadania global, é a genuinidade de sua existência. Se uma linguagem existe, conseqüentemente ela carregará importante papel na construção da identidade cultural, ainda que específica e pouco representativa a nível global. A manutenção e o encorajamento dado a tais heranças, sustenta as diretrizes de preservação ao patrimônio humano, permitindo que a cidadania global seja exercida de maneira mais justa e ao contrário do que se pode esperar, fortalece as interações entre cidadãos globais com culturas distintas,

JESUS, M. P. de. Cidadania global: uma construção cultural e linguística. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, n. 5, p. 43-52, Ilhéus – BA, nov. 2016.

pois o que mais tem movido instintivamente o mundo desde o princípio se não o desejo de descobrir o outro, o diferente, o desconhecido?

Os esforços aplicados à educação para cidadania global estão, sim, relacionados a redes governamentais, mas boa parte destas iniciativas nasce de aspirações alternativas, quer dizer, através de parcerias e projetos advindos de organizações não governamentais. Dado a este fato, a cidadania global segue sendo de principal interesse civil e como já dito ela não pode seguir sendo vista em princípios unicamente normativos, até porque sua jurisdição não é tangível como a da cidadania nacional. Desta maneira, o “esperar pelo outro” na cidadania global é uma ação com grau de inviabilidade maior do que na cidadania nacional. Por isso, o desafio maior da cidadania global é também o desafio da autonomia.

Referências

ALVARES, Margarida; PREUSS, Elena. **Bilinguismo e políticas linguísticas no Brasil: da ilusão monolíngue à realidade plurilíngue**. Goiânia: Acta Scientiarum, 2014.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Lisboa: Temas e Debates — Atividades Editoriais, 2003.

EDINIR, Madza. **A brazilian view on global citizenship education**, 2015. Disponível em <<http://www.globaleducationmagazine.com/brazilian-view-global-citizenship-education/>>. Acesso em 15 fev. 2016.

FREITAS, Jacinto; SALEMA, Maria. **A escola e a cidadania global**. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2012.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade: a identidade em questão**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

RICUPERATI, Giuseppe. Cosmopolitismo. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 11. ed. Brasília: Editora UNB. 1998.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Grupo Editorial Records. 2000.

SILVA, Elisabete. **Liberalismo e os preceitos da ética cosmopolita em Isaia**. Lisboa: Universidade de Lisboa Faculdade de Letras Departamento de Estudos Anglístico, 2011.